

Luxo e pobreza na montagem da ópera

O Estado 14-9-77

JOAO CANCIO POVOA

A nova produção e encenação inédita de SALVATOR ROSA para a Lírica-77, ouvida em 3ª récita de assinatura, foi um espetáculo cuidado, em que se deve louvar, de início, o vistoso guarda-roupa, especialmente o dos nobres espanhóis. Quanto aos cenários, confessamos que esperávamos muito mais de Gianni Ratto; foram todos concebidos na forma ultra "despojada", para usar o odioso adjetivo moderno e, é preciso reconhecer, têm a vantagem de, pela sua simplicidade elevada ao último limite, permitirem rápida mudança. Lembrem, alguns, os de IL TROVATORE que vimos em 1967, em Roma. Sugestivo, o do 1º quadro do 1º ato (estúdio do pintor); bonitos o do 2º quadro do 3º ato (pórtico que conduz ao monastério, com o crucifixo lembrando o de Cimabue) e o do 4º ato (transformado em 3ª cena do 3º ato); os demais, pobres e feios, sendo mesmo decepcionante o do 2º quadro do 2º ato (praia de Nápoles, da qual se deveria vislumbrar, ao fundo, a bela cidade).

Como Registra, Gianni Ratto não conseguiu fugir à rotina, talvez pela falta de tempo para mais ensaios, com o que, certamente, entre outras coisas, teria explicado à cantora Ruth Staerke o que é e como se comporta um "scugnizzo", não lhe permitindo dançar e gesticular cansativamente todo o tempo, e teria também exigido um pouco mais de alma, de sentimento do tenor e do soprano, pelo menos nos duetos de amor, em que pareciam estátuas.

Na parte vocal, não é possível julgar o SALVATOR ROSA que se ouviu sem recorrer a uma redobrada dose de benevolência — não por serem quase todos cantores nacionais, mas por terem todos que vencer tessituras inadequadas. É que, no momento, na cena lírica nacional não dispomos de vozes graves e dramáticas capazes de levar a bom termo óperas como LO SCHIAVO, FOSCA, MARIA TUDOR, ODALEIA, SALVATOR ROSA.

Benito Maresca, tenor lírico, viveu o protagonista, papel difícil escrito para tenor dramático. Não muito feliz na sua 1ª ária, "Forma sublime" e denotando cansaço vocal, saiu da cena do 1º Quadro do 1º ato, acompanhado da escolta, esquecendo-se de segredar a Gennariello para correr à procura de Masaniello. O "gaglione", aturdido, ficou à espera, o regente parou a orquestra, e o Teatro viveu alguns minutos de aflitivo silêncio... No final do ato os cantores não vieram à cena agradecer as palmas de cortesia. De qualquer forma, Maresca houve-se a contento nas vestes do pintor napolitano, embora frio nos duetos de amor e nas explosões de patriotismo contra o opressor espanhol.

A Duquesa de Arcos, papel escrito para soprano dramático, esteve a cargo do soprano lírico "spinto" Nina Carini, voz de belo timbre, extensa e conduzida em boa escola. Trata-se, porém, de uma artista estática, que permanece insensível mesmo nos mais apaixonados momentos. (Duo "Io t'amo! L'accento dell'amor inebbria i sensi miei...")

O veteraníssimo Paulo

Fortes é um genuíno "barítono Martin" (barítono francês), e teve, no Masaniello, que vencer papel escrito para um barítono dramático, chamado "barítono Verdi". De grande tirocinio cênico, compôs a figura do pescador napolitano com acerto, cantando de acordo com os seus atuais recursos de voz.

Da mesma forma, ao baixo-barítono Edilson Costa coube tarefa árdua: viver o Duque de Arcos, parte escrita para um baixo-profundo de grande envergadura. Representou com a devida dignidade, desobrigando-se vocalmente da melhor forma possível; a famosa ária "Di sposo, di padre", como não poderia deixar de acontecer, ficou a sombra.

Quanto ao soprano lírico Ruth Staerke (Gennariello), é uma pena que não lhe tenham ensinado a conter a excessiva agitação, oriunda, talvez, da preocupação de "encher" o papel. A célebre serenata "Mia picerella" deu interpretação agradável no 4º ato, já que a cantou tranquilamente, em "pianissimo".

Os demais, em pequenos papéis, excelentes: os te-

nores Aguinaldo Albert e Ayrton Nobre (Conde Bada-joz e Fernandez), os baixos Wilson Carrara e Bóris Farina (Corcelli e Lorenzo) e a sempre correta e eficiente, em qualquer papel que lhe confiemos, Leila Tayer (Bianca e Inês).

De acordo com as propostas do Empresário Billo-ro, de dezembro e de janeiro, SALVATOR ROSA devia ser regida pelo maestro Michelangelo Veltri e Tosca pelo maestro Henrique Morelembaum. Este último, é importante assinalar, esteve em S. Paulo, participou de audição e escolha de cantores nacionais, etc. Tendo, porém, somente quatro meses mais tarde se verificado que o Sr. Billo-ro cometera "engano" nas suas duas propostas, conforme carta a este jornal, no Aditamento Contratual de maio consignou-se, entre outras alterações, que o regente da ópera brasileira SALVATOR ROSA seria o maestro Simon Blech, por escolha pessoal do Sr. Secretário de Cultura, como se veio a saber. Efetivamente, o maestro Blech regeu a nossa Orquestra Sinfônica Municipal.

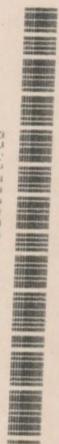
Mais uma vez o coral, sob a direção do maestro Orestes Sinatra, teve participação efetiva, sempre justa e afinada, constituindo um dos pontos altos do espetáculo.

A famosa Tarantela que abre o 2º Quadro do 2º ato foi suprimida. Na presente temporada, portanto, o Corpo de Baile colaborará apenas em O GALO DE OURO.

O Teatro, pela 1ª vez, não estava superlotado e o público recebeu a ópera de Carlos Gomes com indiferença; no final do 2º ato muita gente saiu, permanecendo pouco mais de meia casa. Na véspera de domingo, entretanto, uma numerosa comitiva de Campinas deu alento aos apiausos.

Em resumo: SALVATOR ROSA foi um espetáculo contrastante, em que o luxo do vistoso guarda-roupa quase sempre destoou da pobreza franciscana dos cenários (palácios, castelos, etc. completamente pelados, "despojados" ...), em que o Coral mais uma vez brilhou, em que os cantores principais estavam todos "miscastied" e em que, afinal, o "supporting cast" foi magnífico.

Centro de Memória - Biblioteca



CMUHE010193